

CONSCIÊNCIA NEGRA ATRAVÉS DA LINGUAGEM ICONOGRÁFICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

BLACK AWARENESS THROUGH ICONOGRAPHIC LANGUAGE IN HISTORY TEACHING

Francisca Cibele da Silva Gomes¹
Evaniele Pereira Lages²
Elida Maria Dias Pereira³

RESUMO

Este artigo, intitulado *Consciência Negra Através da Linguagem Iconográfica no Ensino de História*, é o resultado do Projeto *Consciência Negra através da Linguagem Iconográfica*, que surgiu por meio da análise das atividades realizadas pelos discentes das turmas de 7º, 8º e 9º ano da Escola Municipal Desembargador Arimathéia Tito, localizada em Barras-Piauí, em 2019. O presente estudo aborda a importância de se utilizar um ensino dinâmico através das representações iconográficas no ensino de História, com o intuito de refletir e pensar criticamente sobre o dia alusivo à Consciência Negra e a importância de combater o racismo e reconhecer a identidade étnico-racial brasileira. A metodologia teve como proposta o trabalho com a linguagem iconográfica como representação do olhar do alunado sobre a luta contra o preconceito e o significado do Dia da Consciência Negra como símbolo de ampliação de espaço para discutir e promover o combate à marginalização do negro no meio social, cultural e histórico, estabelecendo um diálogo com obras que abordam o tema como artigos e livros encontrados em sites de busca. O referencial teórico utilizado aborda o Ensino de História, Linguagem Iconográfica e o Dia da Consciência Negra, sendo que a principal referência foi a obra *O uso da imagem no ensino de História*, da autora Valesca Giorgiano Litz (2009). É notável que o Ensino de História voltado para a iconografia do negro contribui para a formação dos alunos, enriquecendo o contexto em que estão inseridos, dentro ou fora do ambiente escolar, social e familiar, pois o aluno passa a ter um pensamento crítico sobre os fatos estudados por meio de uma visão autônoma no que tange à identidade étnico-racial brasileira, fugindo da memorização de conteúdos.

PALAVRAS-CHAVE: Barras-PI. Consciência Negra. Linguagem Iconográfica.

ABSTRACT

This article, entitled *Black Awareness through Iconographic Language in History Teaching*, is the result of the Project *Black Consciousness through Iconographic Language*, which emerged through the analysis of the activities carried out by the students of the 7th, 8th and 9th grade classes of the Desembargador Arimathéia Tito Municipal School, located in Barras-Piauí, in 2019. The present study addresses the importance of using dynamic teaching through iconographic representations in History teaching, in order to reflect and think critically about the day alluding to Black Consciousness and the importance of combating racism and recognizing the Brazilian ethno-racial identity. The methodology proposed working with iconographic language as a representation of the students' view of the fight against prejudice and the meaning of Black Consciousness Day as a symbol of expanding the space to discuss and promote the fight against marginalization of black people in the social, cultural and historical environment, establishing a dialogue with works that address the issue as articles and books found in search engines. The theoretical referential used approaches History Teaching, Iconographic Language and the Black Consciousness Day, and the main reference was the work *The use of image in History Teaching*, by Valesca Giorgiano Litz (2009). It is remarkable that the History Teaching focused on black iconography contributes to the students' education, enriching the context in which they are inserted, inside or outside the school, social and family environment, because the student starts to have a critical thinking about the studied facts through an autonomous vision regarding the Brazilian ethno-racial identity, escaping from the memorization of contents.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Acadêmica o Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: cs6445758@gmail.com.

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). E-mail: evanielelages@gmail.com.

³ Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). E-mail: 0309elidamariadias@gmail.com.

KEYWORDS: Barras-PI. Black Consciousness. Iconographic Language.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, que é decorrente do projeto *Consciência Negra através da Linguagem Iconográfica*, nas turmas de 7º, 8º e 9º ano da Escola Municipal Desembargador Arimathéia Tito em Barras(PI), em 2019, surgiu necessidade da promoção de um ensino de História mais dinâmico, por meio da utilização das representações iconográficas, com o intuito de refletir e pensar criticamente sobre o dia alusivo à Consciência Negra, pois o seu significado perpassa a ideia de ser apenas uma data comemorativa e se fundamenta em questões históricas referentes aos movimentos de resistência e identidade dos povos afrodescendentes.

Além do mais, destaca-se a contribuição do negro na construção social e histórica da nação brasileira, de forma a construir um sentimento humanitário de que todos, mesmo com as diferenças, possuem os mesmos direitos e devem ser respeitados, superando os velhos dogmas implantados e comercializados através de uma cultura preconceituosa baseada em um pensamento eurocêntrico e etnocêntrico.

Desta forma, uso de imagens promove uma maior aproximação entre o locutor e o interlocutor pela simplicidade da mensagem ao criar um olhar analítico-reflexivo traduzido a partir dos traços dos artistas por meio de sua imaginação e suas manifestações ideológicas. Aliado a isso, a proposta busca estimular os discentes a uma tomada de consciência na representação de uma linguagem iconográfica.

Diante do exposto, partimos do seguinte problema: Como representar o dia da Consciência Negra a partir da utilização da linguagem iconográfica? Neste estudo, os objetivos se constituíram em: 1) destacar a relevância da discussão envolvendo a temática da Consciência Negra no dia a dia escolar, em união com o viés de promoção do reconhecimento da cultura e história dos afrodescendentes como contribuintes para a formação identitária da sociedade brasileira; 2) valorizar as origens históricas dos afrodescendentes; 3) promover uma conscientização do sentido do Dia da Consciência Negra; 4) exercitar a criatividade dos alunos através da produção da linguagem iconográfica para transpor um olhar que transita do imaginário para a construção de um sentido real do que é a Consciência Negra.

A metodologia, em um primeiro momento, foi baseada na proposta de analisar os resultados das atividades realizadas pelas turmas: 7º “E”; 8º “F”; 8º “G”; 8º “H”; 9º “A” e 9º “I”,

cujos objetivos foram: trabalhar o uso da linguagem iconográfica como representação de um olhar do alunado sobre a luta contra o preconceito e trabalhar o significado do Dia da Consciência Negra como símbolo de ampliação de espaço para discutir e promover o combate à marginalização do negro no meio social, cultural e histórico, estabelecendo um diálogo com obras que abordam o tema como artigos e livros encontrados em sites de busca.

Desta maneira, a disciplina de História, associada ao campo das Artes, possibilitou que os discentes criassem desenhos livres, caricaturas, arte corporal e caracterizações que remetessem à ideia central do que representa o dia simbólico da Consciência Negra. Em um segundo momento, as obras produzidas pelos alunos foram expostas no pátio da escola e analisadas por uma banca composta por três jurados neutros que não possuíam vínculo com os competidores. Foi possível perceber que os alunos, enquanto brincavam, estavam adquirindo conhecimento histórico, pois as turmas realizavam a exposição por meio de uma breve contextualização das obras criadas.

Para sustentar as discussões mencionadas anteriormente, o artigo teve como principal referencial teórico para construção de sua escrita a obra *O uso da imagem no ensino de História*, da autora Valesca Giogiano Litz (2009).

2 ENSINO DE HISTÓRIA: O QUE DEVE SER?

O ensino de História ainda está atrelado ao tradicionalismo pautado na memorização, como se os conteúdos históricos fossem apenas um “texto” que se deve decorar para responder uma prova e, conseqüentemente, tirar nota suficiente para ser aprovado no final do ano letivo. Contudo, sabemos que a História não se limita a isso, indo muito além desse papel superficial. Para o homem contemporâneo, a História é um meio de se conhecer a própria origem, seja, cultural, política, étnica, etc., e de compreender, de forma crítica, o mundo que o cerca, fugindo assim da alienação, doença que leva à ignorância, ao preconceito e a julgamentos precipitados.

Além do mais, enquanto disciplina do currículo escolar, a História deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento do senso crítico. O professor não deve, portanto, limitar-se à exposição do contexto histórico, sem instigar, sensibilizar e nem estimular o aluno a ter um posicionamento crítico diante dos problemas socioeconômicos e políticos que o cerca e que têm uma origem histórica. O conhecimento da História, portanto, deve contribuir para a conscientização do aluno quanto a seu papel de cidadão e, principalmente, conhecedor de seus direitos constitucionais. A História, portanto, faz-se necessária, pois conhecer o passado leva o homem a compreender o seu presente, relacionando os acontecimentos passados aos problemas e situações contemporâneas.

Ao descrever sobre o ensino de História, há a necessidade de uma certa abrangência em

relação às suas mudanças ao longo do tempo. Inicialmente, ela foi retratada por meio de visões positivistas, onde tratavam apenas dos grandes personagens, provocando deficiência e criando uma história elitista. No entanto, a partir dos *Annales* surge a intitulada história problema, trazendo para o ambiente escolar um estudo engajado em questionamentos e formulador de uma consciência crítica e social. Pensando no que representa a disciplina de História, a pesquisadora Sandra Matos (2008, p. 216) diz que:

Disciplina de História não é informativa, como vulgarmente se pensa, mas formativa, ela é responsável, diante da prática do historiador-docente, de ensinar aos educandos a relação entre o passado e presente, a refletir sobre os problemas vivenciados em seu tempo e principalmente a criar novas problemáticas de reflexão que os possibilitem intervir no campo social, transformando (MATOS, 2008, p. 216).

Trata-se de uma disciplina de papel social indispensável, pois acarreta nos educandos uma percepção da ligação entre os tempos e origina novas indagações sobre problemas de seu próprio tempo, possibilitando que eles observem a realidade de forma mais íntegra e em constante mudança. Além disso, possibilita compreender a importância da função atribuída ao cidadão na permanência e manutenção de uma sociedade, bem como aprender a pensar historicamente, ou seja, aprender a “[...] analisar os processos mentais genéricos e elementares da interpretação do mundo e de si mesmos pelos homens, nos quais se constitui o que se pode chamar de consciência histórica” (RÜSEN, 2010, p. 55).

Ademais, a educação não é para implantar ideias dentro da mente do aluno, mas para estimular que, por si mesmo, ele desenvolva pontos de vista sobre o assunto trabalhado. A História, nesse sentido, tem por objetivo proporcionar aos discentes o conhecimento do passado da sociedade em que vivem e dela fazer uma análise que remeta aos problemas que a afetam a atualidade, uma espécie de “ponte” entre o passado e o presente para que não se limitem a estocar pensamentos dos outros, mas que tenham um próprio.

Desta forma, o ensino-aprendizagem de História e das demais áreas das Ciências Humanas e Sociais exige do professor uma metodologia diferenciada e inovadora, a qual acompanhe o ritmo do aluno moderno, ou seja, uma educação que esteja próxima da realidade dos discentes e que seja significativa a ponto de torná-los familiarizados com o meio escolar em que estão inseridos.

3 LINGUAGEM ICONOGRÁFICA E CONSCIÊNCIA NEGRA

Segundo Ilza Oliveira (2016), pensar a importância da iconografia nos faz refletir acerca da potencialidade do uso de imagens como suporte pedagógico ao ensino de História, visto que ela

faz o ensino ser potencializado, permitindo “analisar seus silêncios e decifrar seus códigos, vistos que a mesma não reproduz a realidade, mas a reconstrói a partir de uma linguagem própria” (OLIVEIRA, 2016, p. 3). O conceito preestabelecido de imagem nos remete, geralmente, a algo parado e estático, como fotografias e desenhos. Porém, seu sentido é amplo. As imagens, na perspectiva de Lúcia Santaella e Winfried Noth (1998, p. 237),

[...] se dividem em dois domínios: o das representações visuais e o imaterial. O primeiro diz respeito às imagens estáticas (fotografias, desenhos) e em movimento (cinema). O segundo corresponde às representações mentais. Lembremo-nos de que antes das imagens serem produzidas materialmente, foram constituídas pelo pensamento e imaginação (SANTAELLA; NOTT, 1998, p. 237).

Conforme observado na afirmação apresentada pelos autores, a palavra imagem tem um sentido vasto. Ela faz parte do cotidiano de cada indivíduo no mundo contemporâneo e está nas propagandas publicitárias, nas ruas, na internet, na televisão, nas artes pintadas nos muros que compõem a urbe brasileira, nas revistas e livros, nas iconografias que compõem os museus, entre outros. Portanto, as representações icônicas estão intimamente ligadas ao avanço da tecnologia em consonância com as mudanças das mentalidades, as alterações culturais, sendo também objetos de reflexão e centros de desenvolvimentos imagéticos. Conforme afirmado por Roseane Amorim e Cintia Gomes da Silva (2016, p. 9):

[...] é relevante pensar como a iconografia vem sendo trabalhada no contexto geral e, propriamente, na sala de aula. Sobretudo, o ensino de História tem buscado ferramentas para auxiliar na aprendizagem do aluno (a), mas é necessário que se tenha elementos que designem significado e compreensão para o desenvolvimento da aprendizagem. Nesse sentido, o estudo com imagens em História traz a reflexão de que essa é uma ferramenta que viabiliza o (a) aluno (a) a compreender os conteúdos, despertando nele e nela o senso crítico e o interesse por novas leituras a respeito de diversos assuntos (AMORIM; SILVA, 2016, p. 9).

As imagens são manifestações dos modos de ver o mundo de uma sociedade ou grupo social em determinado período da História e, portanto, não se configuram apenas como ilustrações, pois são carregadas de significados, aspirações e questionamentos de um povo, que se incorporam na personalidade do artista, o qual externa na obra de arte.

No ensino de História, as imagens configuram-se como importante meios para interpretar, conhecer e analisar aspirações e particularidades de um período histórico, tornando-se também fontes para a pesquisa historiográfica ao investigar as peculiaridades que envolvem a elaboração, as inspirações para a obra, o contexto sociocultural em que foram feitas, para quem e porque foram feitas. Para a pesquisadora Valesca Giordano Litz (2009, p. 6):

Em métodos que integram as questões pedagógicas e historiográficas, o uso de imagens possibilita a interpretação da história, em determinados períodos ou épocas, com uma riqueza de informações e detalhes, sendo, portanto, uma excelente fonte de pesquisa para o ensino de história na atualidade. As fontes imagéticas podem, também, colaborar para desenvolver o imaginário popular sobre história, uma vez que, muitas dessas ferramentas trabalham também o ficcional como recurso para motivar o aluno acostumado com uma infinidade de imagens e sons do mundo atual (LITZ, 2009, p. 6).

Dessa forma, as representações iconográficas podem ser um potencializador da aprendizagem ao interagirem em um mesmo plano com o mundo das ideias, presentes na composição pictórica, instigam a criatividade, despertam a imaginação, além de unir distintas temporalidades, as inquietações contemporâneas e a interação como o conteúdo histórico presente na imagem, despertando concomitantemente o próprio senso crítico. Na perspectiva de Silmara Guedes e Maria Menegazzo (2017, p.3), “[...] o uso da imagem no contexto da sala de aula implica na melhoria do ensino e para que os educandos tenham a possibilidade de conhecer a diversidade da história, tornando as aulas mais dinâmicas.” Além disso, elas permitem fazer com que o aluno possa assumir o papel de historiador, imaginativamente, ao analisar a imagem e problematizá-la.

Além do mais, o conhecimento histórico não deve ser resumido apenas em aulas expositivas, sem nenhuma tentativa de interpretar e analisar a História de forma crítica, pois estaria minando a potência da disciplina enquanto instigadora da sensibilidade interpretativa. A educação contemporânea espera muito mais do que uma banalização da ação e análise historiográfica. Ainda na perspectiva de Valesca Giordano Litz (2009, p. 9):

No processo de ensino e aprendizagem, busca-se um desenvolvimento e aprofundamento da criticidade, com o objetivo de possibilitar a compreensão de como a história é produzida e veiculada. O estudo dos processos históricos deve ter uma significação maior do que a mera acumulação de informações. Para poder pensar de maneira mais significativa o uso da imagem no ensino de história, faz-se necessário refletir, primeiro, sobre como o aluno constrói seu conhecimento histórico, lembrando que, tal conhecimento e sua apreensão, estarão diretamente ligados à maneira como ele o recebe e o articula, nesse caso, por meio da escola. Adquirir conhecimento histórico implica em se ter domínio do próprio conteúdo histórico bem como na reflexão e análise das formas de como ele foi elaborado, veiculado e preservado até nossos dias (LITZ, 2009, p. 9).

Interpretar a História vai além de decorar e acumular conhecimentos, é preciso interagir com os fatos históricos, analisá-los e refletir sobre eles. O conhecimento não é mera exposição do conteúdo, nem apenas algo que deve ser decorado para responder uma prova objetiva. Ele vai além dessa concepção retrógrada e obsoleta que visa apenas a memorização, sem fazer uma reflexão crítica e sem utilizar o passado para interpretar a contemporaneidade. Dessa forma, Valesca Giordano Litz (2009, p. 9) analisa, da seguinte forma, o conhecimento:

Conhecer é ter capacidade de estruturar, relacionar, organizar, sistematizar as informações que se tem e perceber como essas relações estruturam a realidade. As atividades de aprendizagem, assim como os objetivos das aulas, não podem se resumir a reproduzir conhecimentos para apenas memorizar e depois repetir. Todo conhecimento deve ser pensado no sentido de sua redescoberta ou redefinição. Para isso, faz-se necessário trabalhar dialeticamente, construindo o conhecimento numa relação entre professor, aluno, objeto e realidade (LITZ, 2009, p. 9).

Sendo assim, uma aula expositiva e sem interação com o aluno, no qual apenas o professor fala, não se configura como uma alternativa para despertar o senso crítico e produzir conhecimento sobre a História. O professor deve ser o mediador entre o conhecimento científico, possibilitando a interação entre o objeto histórico e o aluno e indo além do senso comum, de forma que o discente possa posicionar-se diante da realidade, relacionando-a com o passado e questionando-a, quando necessário. Sendo assim, para Valesca Giordano Litz (2009, p. 11):

Estudar o passado simplesmente pelo passado, não faz sentido. O aluno precisa despertar para sua capacidade crítica, para uma reflexão sobre as relações humanas e sobre a consequência de suas ações. Naturalmente, que cada época tem sua própria maneira de ver o mundo e que cada grupo social tem seu próprio modo de interpretar a realidade. Estudar os acontecimentos do passado faz com que compreendamos que eles contribuíram de alguma forma para a construção, organização e funcionamento da sociedade (LITZ, 2009, p. 11).

O estudo precisa ser instigante para despertar a atenção do aluno e, conseqüentemente, proporcionar o desenvolvimento do senso crítico. Além disso, interpretar e analisar um período histórico implica esmiuçar os acontecimentos e as características que o compõem, indo além da memorização, por meio de uma reflexão profunda e atenta para que se possa compreender fatos e opiniões de épocas distantes sem a utilização de preconceitos e anacronismos. Para tanto, as imagens são ferramentas inovadoras que permitem dinamizar as aulas de História.

É perceptível que diversas fontes podem ser utilizadas nas aulas de História e os alunos podem viajar no tempo através delas. Os usos dessas ferramentas, em especial nas disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, dão aos alunos a oportunidade de analisar, refletir, fazer observações e solucionar problemas. De acordo com Ilza Oliveira (2016), “em sala de aula o uso de imagens para o estudo dos conteúdos se torna instigante por proporcionar o contato direto com fontes documentais e possibilitar acesso a construção do conhecimento. Ler imagens é ampliar a percepção do passado” (OLIVEIRA, 2016, p. 2).

Ao levar essas fontes para a sala de aula, o professor oportuniza aos alunos a reconstrução do passado. Essa integração permite uma que os conteúdos sejam assimilados de forma dinâmica e prazerosa, fazendo com que os alunos atuem de forma ativa no processo de construção do

conhecimento. Na atualidade, é impossível pensar o ensino de História sem a integração das tecnologias, visto que a educação e o fazer educacional precisam acompanhar o desenvolvimento da sociedade vigente de modo que haja uma melhor formação histórica do aluno. Nessa escola moderna o professor não pode ficar esquecido, conforme salientado por Oliveira (2016, p. 8): “o professor fica como mediador entre o objeto a ser conhecido e o aluno e este assume papel ativo e participante”.

A celebração do Dia da Consciência Negra remete às memórias e às heranças de luta do povo negro por um espaço social, político e econômico. Sendo data comemorado em 20 de novembro, em homenagem à grande personagem histórica Zumbi dos Palmares, ela carrega sobretudo uma busca de sensibilidade pelas lutas e conquistas da população negra brasileira, dando espaço ao debate em favor do combate ao racismo, tão vivo e enraizado no seio social de cada região do país.

A efetivação de um dia em prol da tomada de consciência negra expressa a construção de uma nova narrativa, se contrapondo a um discurso de favorecimento do branco em detrimento ao negro e promovendo espaços de discussão para as mudanças que garantam a integridade e a cidadania de afrodescendentes. Além do mais, é um processo constante e complexo que incorpora uma teia de valores civilizatórios e, principalmente, expõe um olhar para o debate em torno da identidade étnico-racial.

Em suma, a data proclama um desejo do fim de uma sociedade que exclui negros e negras e os mantém marginalizados, acarretando uma vida precária e à margem dos próprios direitos. Apesar de séculos depois da escravidão, ainda prevalece nas camadas globais ações preconceituosas, discriminatórias e racistas construídas pelo imaginário e ideal branco, que continuam levantando velhas bandeiras de uma imagem atrelada à inferioridade, quando se fala do negro. Faz-se necessário, portanto, derrubar essas barreiras diariamente, para construção de uma sociedade mais igualitária.

Dessa forma, o ensino de História possui um papel fundamental na quebra de velhas estruturas ao trazer para sala de aula problemas recorrentes do dia a dia e ensinando as novas gerações a olhar para o passado e não querer repetir os mesmos erros. Por isso, é importante refletir sobre o tema da Consciência Negra no ambiente escolar, lembrando que ainda existem livros que tratam a princesa Isabel como redentora ou salvadora dos negros escravizados desde o período colonial, esquecendo da história de sofrimento e resistência desses povos, desde o momento da sua vinda para o Novo Mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi resultado do projeto de intervenção *A Consciência Negra através da Linguagem Iconográfica*, uma ação coletiva realizada por seis estagiárias da Escola Municipal Desembargador Arimathéia Tito e que fez parte do encerramento da disciplina de Estágio Supervisionado VI do curso de Licenciatura Plena em História ministrado no Núcleo Rio Marataoan, em Barras (PI), no ano de 2019. O plano interventivo é extremamente importante para a formação acadêmica, pois associa a teoria estudada na Universidade à prática em sala de aula.

O referido projeto de intervenção foi realizado nas turmas do 7º “E”; 8º “F”; 8º “G”; 8º “H”; 9º “A” e 9º “T” e as ações foram subdivididas entre os turnos da manhã e da tarde. As atividades propostas em sala de aula foram mediadas de forma individual por cada estagiária em suas respectivas turmas, dispensando encontros fora da sala de aula.

As ações estratégicas para execução do projeto foram divididas em duas fases, sendo que a primeira consistiu na elaboração do projeto escrito e a segunda em sua socialização no pátio da escola. Durante a culminância do plano interventivo, cada turma expôs um trabalho que representasse o respeito, a valorização da beleza e da cultura afrodescendente por meio de textos, imagens, pinturas em tela, desfiles étnicos, vídeos e paródias.

Os trabalhos foram avaliados por um corpo de três jurados que não possuíam vínculo com os envolvidos e a melhor apresentação ganhou uma cesta de presentes, incluindo livros e doces. Os ganhadores foram os alunos da turma do 8º ano “F”, que fizeram uma pintura criativa utilizando papel crepom e raspas de madeira de lápis, valorizando e mostrando a beleza dos cabelos *Black Power*.

A temática da Consciência Negra no dia a dia escolar promove o reconhecimento da cultura e história dos afrodescendentes como marco originário da formação identitária da sociedade brasileira, pois os sujeitos envolvidos no projeto desconstruíram a visão sobre o dia alusivo à Consciência Negra, que geralmente é reduzido a uma data comemorativa simplesmente.

A partir das discussões construídas ao longo da fundamentação teórica desse artigo, foi possível observar que o ensino-aprendizagem de História foi potencializado, pois os alunos desenvolveram o senso crítico e ultrapassaram o paradigma de uma visão positivista. Desse modo, é perceptível que o uso da iconografia dá o suporte necessário para o aluno desenvolver uma aprendizagem significativa próxima do contexto social em que está inserido, pois o uso da imagem e das representações ativam sua capacidade de percepção. Assim sendo, o aluno cria um olhar aguçado para combater o racismo e reconhecer a identidade étnico-racial brasileira e construir uma visão própria sobre o real significado do Dia da Consciência Negra.

Os docentes e discentes rompem com o viés destinado exclusivamente às aulas expositivas e vivenciam uma metodologia de ensino inovadora e prazerosa, trabalhando o ensino de História e Cultura Afro-brasileira com o uso de imagens e interpretando-as de acordo com o seu conhecimento, pois o papel da História é formar cidadãos com senso crítico, capazes de agir como sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Roseane Maria de; SILVA, Cíntia Gomes da. O uso das imagens no ensino de História: reflexões sobre o uso e a interpretação das imagens dos povos indígenas. **História & ensino**, Londrina, v. 22, n.2, p. 165-187, jul./dez.2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Cibele%20Gomes/Downloads/26263-127575-1-PB.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

GUEDES, Silmara Regina; MENEGAZZO, Maria Fatima. A utilização de imagens no ensino da história e sua contribuição para a construção de conhecimento. **Reltr. Inov. Tecnol., Medianeira**, v. 8, n. 17, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/download/4724/pdf> . Acesso em: 21 abr. 2019.

LITZ, Valesca Giordano. **O uso da imagem no ensino de História**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

MATOS, Sandra Maria Nascimento. A efetividade em favor da inclusão escolar. **Anais CIC**. v.9.n 18, 2008. Disponível em: <https://cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2014/pdf/psi009.pdf>. Acesso em: 22 maio 2022.

OLIVEIRA, Ilza Maria Ribeiro Bonacin. O uso de fontes iconográficas para ensinar história antiga aos alunos do 6º ano. Artigos. **Cadernos PDF**.vol.1. Paraná, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pv.gov.br/portals/cadernospdf/pdebusca/produções_pde/2016/_artigo_hist_uenp_ilzamariaribeirobonacindeoliveira.pdf . Acesso em: 26 mar. 2019.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 17-36

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UNB, 2010.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras,1988.

Enviado em: 22/05/2023

Aceito em: 19/09/2023